

# Adaptação Transcultural e Evidências de Validade da Body Acceptance by Others Scale-2 (BAOS-2 - Brasil)

*Niló Antunes Teixeira Júnior<sup>1</sup>, Marsuelanea Limeira da Silva<sup>1</sup>, Marina Pereira Gonçalves<sup>1</sup>, Ricardo de Freitas Dias<sup>2</sup>, Felipe Negreiros dos Santos<sup>1</sup>, Mikaelly Samara da Silva Nascimento<sup>1</sup>, Adda Kayane de Lima Maia<sup>1</sup>, Ariely de Souza Pereira<sup>1</sup>*

UNIVASF, Petrolina – PE; 2UPE – Recife - PE

## INTRODUÇÃO

Houve um aumento significativo nos estudos sobre a Imagem Corporal Positiva (ICP) nos últimos anos (Tylka, 2018). Um importante fator ambiental que influencia a ICP é a aceitação do corpo pelos outros (Tiggemann, 2019). Esse conceito é definido como “uma sensação de que o corpo de uma pessoa e suas características físicas são valorizadas, respeitadas e aceitas incondicionalmente por outras pessoas importantes, independentemente do que outros ou domínios sociais realmente oferecem em qualquer momento específico” (Swami et al., 2021, p. 239). Esse construto é mensurado pela Body Acceptance by Others Scale-2 (BAOS-2; Escala de Apreciação Corporal por Outros), uma escala unidimensional composta por 13 itens (Swami et al., 2021). A BAOS-2 foi adaptada e demonstrou evidências de validade e confiabilidade em diversos contextos. No entanto, essa escala ainda não foi adaptada para o Brasil. Assim, o presente estudo teve como objetivo adaptar e avaliar evidências de validade de conteúdo, baseadas na estrutura interna (validade fatorial) e em critérios externos (apreciação do corpo, apreciação da funcionalidade, pressão social e autoestima) da BAOS-2 no contexto brasileiro.

## OBJETIVOS

Objetivo geral

- Adaptar e validar a BAOS-2 para o contexto brasileiro.

Objetivos específicos:

- Traduzir a BAOS-2 para o português brasileiro;
- Verificar evidências de validade de conteúdo, na estrutura interna e com medidas externas (apreciação corporal, apreciação da funcionalidade corporal, pressão social e auto-estima) da BAOS-2.

## MÉTODO

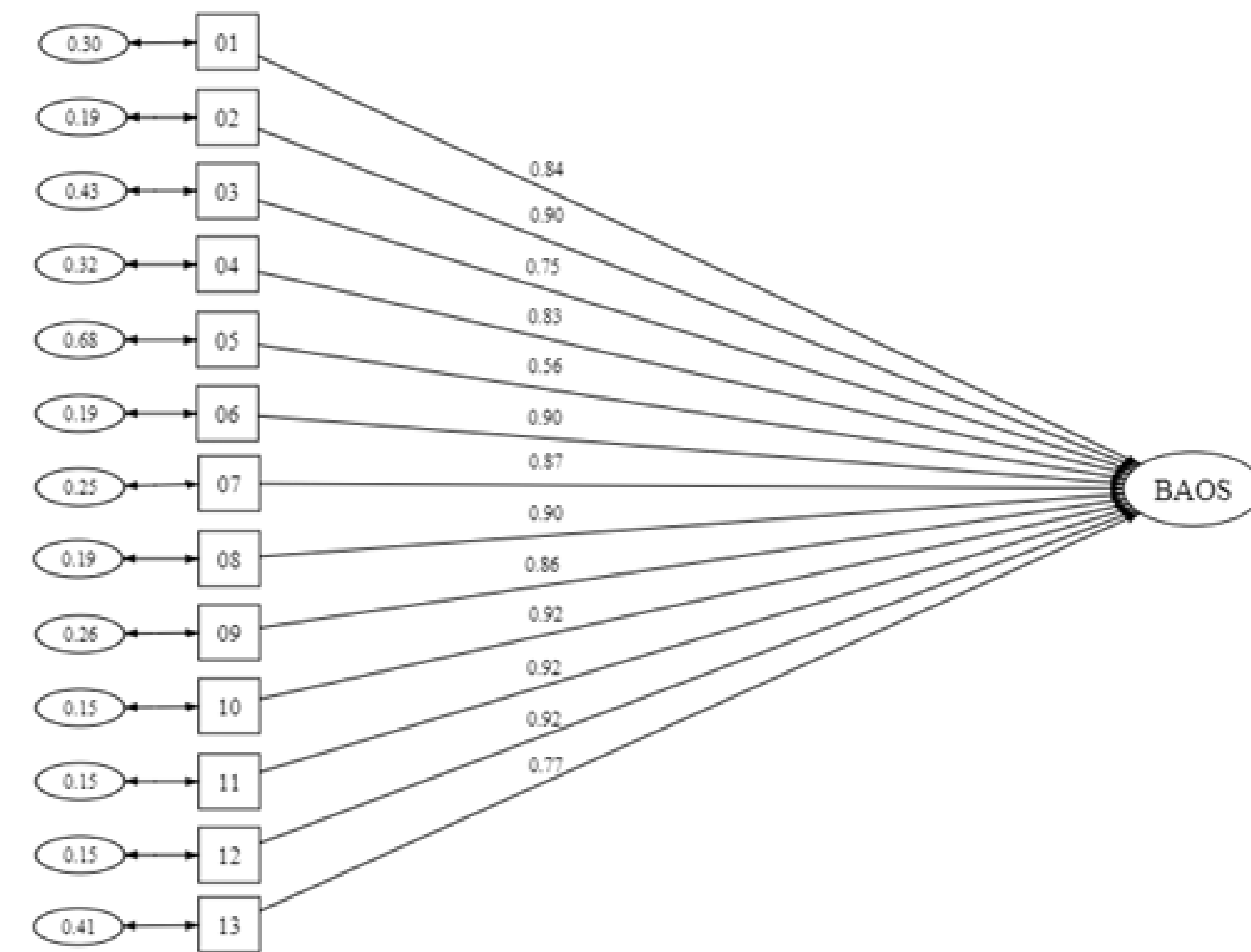
Trata-se de uma pesquisa com enfoque psicométrico, com objetivo de propor uma adaptação transcultural da BAOS-2 e apresentar evidências psicométricas para o contexto brasileiro. Inicialmente, foi realizada a tradução da BAOS-2 por dois tradutores bilíngues independentes, sendo um deles experiente no construto e o outro na língua inglesa. Depois, procedeu-se para a síntese das traduções. Após essa etapa, avaliou-se a equivalência das traduções por meio de experts no construto e em psicometria. Em seguida, a quarta versão foi enviada para avaliação do público-alvo. Posteriormente, aplicou-se um questionário por meio do Google Forms, contendo variáveis relacionadas ao índice de massa corporal (IMC), imagem corporal positiva, como a Escala de Apreciação do Corpo-2 (BAS-2), a Escala de Apreciação da Funcionalidade (FAS), de pressão social (Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência-4) e de autoestima, por meio da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR). Evidências de validade de conteúdo foram calculadas por meio do coeficiente de validade de conteúdo; evidências baseadas na estrutura interna por meio da análise fatorial confirmatória e análise fatorial confirmatória multigrupo; e, por fim, evidências baseadas em medidas externas por meio de correlação.

## RESULTADOS

A amostra final foi composta por 408 cidadãos brasileiros, entre os quais 231 (56,8%) se identificaram como mulheres, 173 (42,4%) como homens e 4 (0,8%) como outro gênero. A amostra variou de idade entre 18 a 63 anos (M = 28,50 anos, DP = 7,72) e o IMC autorrelatado variou de 15,76 a 46,07 kg/m<sup>2</sup> (M = 25,19 kg/m<sup>2</sup>, DP = 5,16). Do total da amostra, 201 se autoidentificaram como brancos, 142 como pardos, 53 como negros, 6 como asiáticos, 1 como indígena, 1 como latino, 2 como mestiços e 2 escolheram “nenhum”. Em termos de educação, a maioria dos participantes indicou ter completado o ensino superior (46,6%) ou ter alguma educação universitária (32,6%). Quanto à região de onde responderam ao questionário, a maioria era do Nordeste do Brasil (66,9%), seguido pela região Sudeste (21,3%). A escala foi traduzida, obtendo validade de conteúdo (CVC > 0,90). Um modelo unidimensional foi sugerido com 13 itens, [ $\chi^2(65) = 199,631$ ;  $\chi^2/gl = 3,071$ ; CFI = 0,999; TLI = 0,998; SRMR = 0,032; RMSEA = 0,071 (IC90%: 0,060-0,083)]. Ademais, a BAOS-2 apresentou evidências de invariância entre gênero. Os escores da BAOS-2 apresentaram consistência interna adequada ( $\alpha = 0,955$  e  $\omega = 0,956$ ). Além disso, indícios de validade convergente também foram fornecidos (BAS-2 = 0,517; FAS = 0,405; SATAQ-4: Pais = -0,537; Pares = -0,459; Mídia = -0,312 e EAR = -0,312).

FAS	$\chi^2$	RMSEA (90% IC)	SRMR	TLI	CFI	$\Delta CFI$
Configural	266,842	0,072 (0,060- 0,085)	0,039	0,998	0,999	
Métrico	381,887	0,092 (0,081- 0,103)	0,049	0,997	0,998	-0,001
Escalar	302,492	0,058 (0,047- 0,070)	0,039	0,999	0,999	+0,001

**Tabela 1** – Análise fatorial confirmatória multigrupo da BAOS-2 para gênero.  
Fonte: Os autores.



**Figura 1** – Estrutura e cargas fatoriais da BAOS-2.  
Fonte: Os autores.

## DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo realizar a adaptação e validação da BAOS-2 para o Brasil. A adaptação da escala passou por quatro etapas de tradução para evitar a tradução literal dos itens. Dessa forma, os aspectos culturais foram considerados durante o processo, sem comprometer os significados originais. Após a adaptação, o instrumento passou pela validade de conteúdo, que gerou várias sugestões que foram incorporadas. Posteriormente, foi conduzida uma análise envolvendo o público-alvo e todas as considerações pertinentes foram levadas em consideração. A AFC revelou um modelo unidimensional no qual todos os 13 itens demonstraram ajuste adequado, com cargas fatoriais excedendo 0,50, consistente com estudos conduzidos em diversos contextos. A análise fatorial confirmatória multigrupo foi utilizada para examinar a invariância da BAOS-2 entre gênero. Os resultados indicaram bons índices de ajuste para os modelos configurais e escalares. Embora o modelo métrico tenha ligeiramente excedido o intervalo de confiança superior, os índices de ajuste globais sugerem que o modelo global permanece invariante para ambos os gêneros. Por fim, verificou-se uma associação significativa e positiva entre a aceitação corporal por outros e várias facetas da ICP. É provável que uma maior aceitação corporal por outros facilite uma apreciação mais profunda de como o corpo se sente e funciona, em vez de se concentrar apenas em sua aparência. Além disso, os resultados demonstraram uma associação significativa entre a aceitação corporal por outros com influência social e com autoestima (nesse caso, sugerindo que indivíduos que percebem maiores níveis de aceitação corporal por outros possuem qualidades adaptativas mais amplas). Uma limitação do estudo foi a ausência de uma avaliação de confiabilidade teste-reteste. Portanto, é aconselhável que estudos futuros incluam análises de teste-reteste para reforçar ainda mais a evidência de confiabilidade da BAOS-2 no contexto brasileiro. Além disso, é crucial reconhecer a limitação associada à dependência de uma amostra de conveniência, não probabilística, coletada por meio de plataformas online, o que pode potencialmente restringir a generalização dos achados.

## CONCLUSÃO

Acredita-se que a presente pesquisa atingiu com sucesso todos os objetivos e resultados esperados, contribuindo para a adaptação de um instrumento que mede a aceitação corporal por pessoas significativas, com evidências de validade e confiabilidade para o contexto brasileiro. A BAOS-2 representa uma contribuição inovadora para a literatura nacional e internacional, projetada para facilitar estudos relacionados à ICP. Assim, antecipa-se que os achados deste estudo contribuirão significativamente para o avanço científico da pesquisa na área e para o desenvolvimento de intervenções práticas direcionadas a comportamentos associados a preocupações com a imagem corporal.

## REFERÊNCIAS

- Tylka, T. L. (2018). Overview of the field of positive body image. In E. A. Daniels, M. M. Gillen & C. H. Markey (Eds.), *Body positive: Understanding and improving body image in science and practice* (pp. 6–33). New York: Cambridge University Press.
- Tiggemann, M. (2019). Relationships that cultivate positive body image through body acceptance. In Tylka, T. L., & Piran, N. (Eds.), *Handbook of positive body image and embodiment: Constructs, protective factors, and interventions* (pp. 214–222). Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/med-psych/9780190841874.003.0021>
- Swami, V., Todd, J., Stieger, S., Furnham, A., Horne, G., & Tylka, T. L. (2021). Body acceptance by others: Refinement of the construct, and development and psychometric evaluation of a revised measure – The Body Acceptance by Others Scale-2. *Body Image*, 36, 238–253. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.11.007>